

2015/02/13

O novo acordo de Minsk

Alexandre Reis Rodrigues

Não vai ser fácil encontrar um ponto de viragem para a crise ucraniana. O acordo de cessar-fogo, ontem alcançado, embora um passo importante, não representa, por si próprio, o fim do diferendo, nem mesmo apenas esse ponto de viragem. É um ponto de paragem do conflito, algo que só por si é sempre positivo, mas com ambiguidades que não permitem otimismo quanto ao futuro.

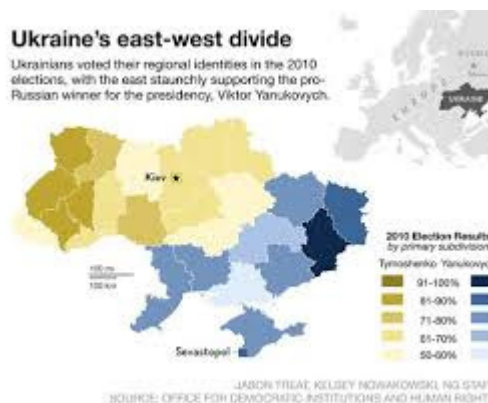
O balanço dos resultados divide-se entre várias vantagens militares imediatas e muita incerteza quanto aos aspetos políticos, potencialmente o campo onde Putin conseguiu sair mais favorecido. Moscovo ficou a beneficiar em dois campos.

Primeiro, na margem que o acordo permite para interpretações sobre o que ficou assente fazer em termos de reformas do regime ucraniano, para transição para um sistema que proporcionará autonomia às regiões de Donetsk e Luhansk. Os dois líderes destas duas províncias esperam um regime que «proteja as suas populações» e uma «mudança de atitude de Kiev». O que têm em mente e o que isto significa exatamente para eles e para Moscovo só o futuro nos dirá. Moscovo espera, certamente, ter a capacidade de exercer uma estreita influência direta sobre as duas regiões e, se assim for, só formalmente é que a integridade e independência da Ucrânia serão mantidas (esquecendo o caso da Crimeia, de que já não se fala).

Segundo, Putin ficou a ganhar também no facto de ter conseguido dividir a Europa, subalternizar o papel da União Europeia, conseguindo que a Alta Comissária nem sequer tivesse sido referida, e ao afastar os EUA e o seu principal aliado europeu – o Reino Unido – das negociações. Definitivamente, não é uma boa saída para a União e para os europeus em geral que precisam de se mostrar unidos e alinhados com os EUA, perante uma Rússia cada vez mais assertiva.

No entanto, para já, o melhor é concentrarmo-nos nas vantagens do acordo. Talvez isso ajuda a evitar um regresso ao passado. Com grande probabilidade, a União Europeia, no Conselho de 16 de fevereiro, optará por suspender ou não impor mais sanções. Não é só a Rússia que ficará a ganhar. Esse desfecho deixará aliviadas muitas empresas europeias que precisam de manter os seus negócios com a Rússia e vários Países que se têm pronunciado contra (Itália, Grécia, Áustria e Chipre). Desaparecerá um foco de tensões internas na União Europeia que, somado ao provocado pela crise grega, ameaça a já depauperada coesão interna.

Fica suspensa, pelo menos temporariamente, a possibilidade de os EUA virem a fornecer armamento à Ucrânia para reforçar a sua capacidade de combater as forças que apoiavam os separatistas, possibilidade que estava a alarmar os europeus, pelo perigo de escalada que representava. Não estava claro até que ponto a relutância do Presidente Obama em seguir por esse caminho chegaria para



contrariar a pressão de várias proeminentes personalidades da vida política americana, incluindo, por exemplo, Madeleine Albright e Ashton Carter, designado para o cargo de secretário da Defesa. A ideia que se tentou passar ao garantir que se trataria de "armamento defensivo",¹ apenas retirou credibilidade ao discurso americano, uma vez que "armamento defensivo" é coisa que não existe. Se é defensivo ou ofensivo nunca depende da sua natureza intrínseca mas apenas do uso que lhe é dado.

Fica minimizada a possibilidade de o conflito entrar numa escalada que estava muito próxima, com a Rússia e os separatistas a tentarem alargar as "conquistas" para ganhar peso negocial, enquanto o Ocidente discutia o modo de ajudar a Ucrânia a sobreviver, quer militarmente, quer economicamente. A criação de uma zona de segurança, com um mínimo de 50 quilómetros de largura nas zonas sob disputa e a correspondente retirada de todo o armamento pesado, são a melhor expressão da vontade de não prolongar a destruição e morte que os confrontos estavam a provocar.

Finalmente, fica aberta a hipótese de Putin ter reconhecido vantagens em não "alimentar" a escalada do conflito, malgrado nesta área permaneçam dúvidas sobre até que ponto existe seriedade nas intenções manifestadas. Veremos como se cumpre o requisito de retirada de todas as tropas estrangeiras e "mercenários" do território ucraniano, o que permitiu aos separatistas resistir à imposição da lei e ordem nas províncias sublevadas. Ainda na noite da véspera do acordo, cerca de 50 tanques, 40 veículos blindados e 40 sistemas de mísseis terão atravessado a fronteira russo/ucraniana para apoio dos rebeldes.

De momento, nada nos diz que a Rússia tenha abandonado a ideia de que uma Ucrânia ocidentalizada constitui uma ameaça existencial, portanto, algo que não poderá tolerar e que "mascara" como ajuda às populações das províncias ucranianas que se sublevaram contra Kiev por desejarem manter uma ligação estreita com a Rússia e não com Bruxelas.

O futuro dirá se o preço a pagar por se ter conseguido um cessar-fogo não vai ser o reconhecimento da atual situação de facto, ou seja a perpetuação de mais um "conflito congelado". Esperemos, entretanto, que os líderes europeus e da Aliança não deixem de refletir sobre a ideia de que a continuação do alargamento da NATO a Leste iria criar uma zona alargada de paz e estabilidade na Europa.

¹ UAVs para reconhecimento, equipamento de contramedidas eletrónicas para afetar o funcionamento dos drones russos, blindados ligeiros e mísseis "Javelin" anti-blindados.